

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

106

INSCRIÇÕES 468-470



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
2013

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



ARA *LARIBVS CECEAICIS* EM CASTELO DE PAIVA
(*Conventus Scallabitanus*)

Ara romana epigrafada, de granito amarelo¹ de grão médio, encontrada, em 2007, incrustada na parede de granito de uma casa-abrigo e recolha de animais (Fig. 1), aquando de uma de muitas passagens pelo caminho da pequena localidade denominada Terreiro do Presidente da Direcção da ADEP (Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico-Cultural de Castelo de Paiva), Martinho da Costa Moreira da Rocha. Terreiro está próximo de uma capelinha dedicada ao Espírito Santo, no lugar de Vila Verde, freguesia de São Martinho de Sardoura, concelho de Castelo de Paiva. A epígrafe estava nessa parede desde que a casa-abrigo foi construída, haverá mais de um século.

Alertada para o interesse histórico do monumento, a proprietária, Maria José da Piedade Moreira Alves,² tomou a iniciativa de o retirar para a propriedade próxima, de um familiar, Luís Manuel Mendes Cardoso, onde actualmente se encontra, a cerca de 600 m do Terreiro, assente no solo empedrado de cubos de granito do recinto da entrada, encostada a uma escadaria de acesso ao 1.º andar da habitação.

A secção acima do campo epigráfico (de 26 cm de altura)

¹ Granito de cor amarelada, que se distingue do granito de cor azul (pedra azul), mais duro e que é mais difícil de trabalhar.

² A quem agradecemos as facilidades concedidas para este estudo.

parece ter sido desbastada nas faces laterais, certamente para se adaptar ou enquadrar com as pedras da parede da casa-abrigo, já que teria sido aproveitada para esse fim. A parte inferior (de 35 cm de alto) encontra-se quase intacta e forma como que uma “saia” de largura um pouco superior à da área epigrafada no corpo central.

A epígrafe está indecifrável a olho nu e a gravação dos caracteres é pouco profunda; eventualmente, a face terá sido desgastada pela acção do vento, do sol e chuvas ácidas, uma vez que estava bastante exposta, ou mesmo pela acção dos movimentos que foi tendo nas deslocações e colocação na parede onde foi encontrada (Fig. 2).

Dimensões: 100 x 35 x 32.

Campo epigráfico: 39 x 35.

FVSCVS [...] / ANICAI [vel AIVICAI] [?] F(*ilius*) [?] /
LARIBVS · C/ECEAECIS / ⁵IENAECIS [?] · L(*ibens*) · S(*olvit*)
[?]

*Fusco, filho de..., cumpriu de livre vontade aos Lares
Cececos Ienecos (?)*

Altura das letras: 5. Espaços: 1: 1,5/2; 2 a 5: 1; 6: 2/2,5.

Paginação a ocupar todo o espaço disponível, denunciando, apesar da irregularidade do traçado actuário dos caracteres, um certo cuidado, bem patente na regularidade do espaçamento interlinear. Pontuação redonda, pouco visível, porém, a não ser na última linha.

Na l. 1, *Fuscus* afigura-se-nos consensual. Viria depois o patronímico, a começar no final da l. 1 e a ocupar toda a l. 2, que poderia terminar no F, como sugerimos.

Do teónimo apenas o segundo epíteto, por ser novidade, traz dificuldade nas três primeiras letras: IEAIAECIS? LENAECIS? Não se consegue distinguir a barra inferior do eventual L nem pode garantir-se se é AI ou N. Depois, vem o L de L(*ibens*) e afigura-se-nos que há o começo doutra letra, o S de S(*olvit*) com a parte de baixo unida à barra do L.

O dedicante identificar-se-á, pois, à maneira indígena (nome

único + patronímico), sendo *Fuscus* um nome frequente, inclusive em contexto indígena, porque, apesar de ser etimologicamente latino, detém um significado concreto, «o moreno», que os indígenas facilmente adoptaram.³

Quanto ao teónimo, trata-se da apropriação de uma divindade tutelar romana, os Lares, por uma entidade indígena, cujo nome e ‘estatuto’ se desconhece, mas que forneceu à divindade dois epítetos, circunstância que também ocorre nos outros testemunhos de que já dispomos. Assim, na epígrafe de Granjinha (Chaves), onde Hübner (CIL II 2472) lera *Laribus Tarmucenbacis Ceceaecis*, sugerimos como hipótese *[L]aribu[s] [T]a[r?/]mucenbaecis Oeceaecis*,⁴ o que, devido, como aqui, ao mau estado de conservação da superfície epigrafada, mereceu de Rodríguez Colmenero outra interpretação: *Inmucenbaecis Ceceaecis*.⁵ E se o primeiro epíteto é, de facto, estranho e dele ainda se não encontrou outro testemunho, a opção pelo C inicial confirma-se como sendo a mais correcta, perante não apenas o exemplo que nos ocupa mas também CIL II 2597, da mesma região (Cortegada, Orense), onde não há dúvida em ler-se que o ex-voto é dedicado *Diis Ceceaigis*, começando por *Triba-* o segundo epíteto, de que nada mais consegue ler-se.⁶ Acrescenta-se que o mesmo autor (*ibidem*, p. 161-162, nº 143) dá a conhecer outra epígrafe, de Vidago (Chaves), que interpreta como dedicada *L(aribus) Gegeiquis*: o L é, porém, hipotético e, em nosso entender, também o epíteto não resulta claro na pedra.

Em conclusão: este novo ex-voto pode permitir avançar a hipótese de que a «organização suprafamiliar» (para usarmos a expressão de María Lourdes Albertos) maior deverá ser a dos *Ceceaici*, que teve subdivisões, digamos assim, geograficamente localizadas ou derivadas de um outro antepassado comum, que

³ Mais de 30 testemunhos registados em M. NAVARRO CABALLERO e J. L. RAMÍREZ SÁDABA (coord.), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordéus, 2003, s. v. «Fuscus», p. 181, mapa 140.

⁴ ENCARNÇÃO (José d’), *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o Seu Estudo)*, Lisboa, 1975, p. 218.

⁵ RODRÍGUEZ COLMENERO (A.), *Aquae Flaviae. I: Fontes epigráficas da Gallaecia meridional interior*, Chaves, ²1997, p. 162-163 (nº 144).

⁶ Cfr. RODRÍGUEZ COLMENERO, 1997, p. 176-177, nº 160. O autor põe a hipótese de se interpretar *Tribal(is)*, traduzindo por «deuses Ceceaigos Tribalos».

estarão na base do segundo epíteto. Recorde-se – a título de paralelo – o que se tem apontado como explicação para a epígrafe de Conímbriga (<http://eda-bea.es/>, registo nº 22 169) consagrada por *Albuius Camali filius* aos *Lares Lubanci Divilonicorum horum*, isto é, os *Lares Lubanci* constituem, «mui naturalmente, as divindades tutelares dum clã integrado na comunidade de linhagem dos *Divilonicum*».⁷

Pelo modo de identificação do dedicante e atendendo às divindades veneradas, afigura-se-nos ser monumento datável da primeira metade do século I da nossa era.

MARTINHO DA COSTA MOREIRA DA ROCHA

MÁRIO GONÇALVES PEREIRA

PEDRO MENDES

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

⁷ ÉTIENNE (Robert), FABRE (Georges) et LÉVÊQUE (Pierre et Monique), *Fouilles de Conimbriga, II – Épigraphie et Sculpture*. Paris, 1976, p. 31.



1



2